

**O que os dados do Pisa mostram sobre Educação Financeira no Brasil?**

**Uma análise a partir dos microdados da avaliação de competência financeira do Pisa 2015**

**São Paulo, 2018**

## SUMÁRIO

Resumo.....	3
1. O que é competência financeira .....	4
2. Amostra considerada.....	4
3. Parâmetros da avaliação.....	4
4. Cenário observado.....	6
5. Resultados obtidos pelo lede.....	8
5.1. Resultados por região.....	8
5.2. Resultados por gênero.....	9
5.3. Resultados por nível socioeconômico.....	11
5.4. Expectativa de continuidade dos estudos.....	12
5.5. Aulas de educação financeira.....	13
5.6. Relação com o dinheiro.....	14
6. Análises dos especialistas.....	16
Tabelas Complementares.....	20

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Competências por nível de aprendizagem.....	5
Tabela 2 Média da proficiência dos estudantes por país avaliado.....	6
Tabela 3 Distribuição de estudantes brasileiros por nível de aprendizagem.....	7
Tabela 4 Desempenho dos estudantes brasileiros por estado.....	8
Tabela 5 Desempenho dos estudantes brasileiros por região.....	9
Tabela 6 Desempenho dos estudantes brasileiros por gênero, por competência.....	10
Tabela 7 Frequência de discussão de questões financeiras em casa, por gênero.....	11
Tabela 8 Desempenho dos estudantes brasileiros por nível socioeconômico.....	12
Tabela 9 Expectativa de continuidade dos estudos dos estudantes brasileiros por nível.....	12
Tabela 10 Porcentagem de estudantes brasileiros que tiveram alguma aula de educação financeira por tipo de aula, por nível.....	13
Tabela 11 Porcentagem de estudantes que tiveram matéria específica de educação financeira na escola nos países avaliados.....	14
Tabela 12 Porcentagem de estudantes brasileiros por reação diante da situação de não ter dinheiro para comprar algo que querem, por nível de desempenho.....	15
Tabela 13 Porcentagem de estudantes que tiveram educação financeira como competência transdisciplinar nos países avaliados.....	20
Tabela 14 Porcentagem de estudantes que fizeram cursos de educação financeira fora da escola nos países avaliados.....	20

## Resumo

O presente estudo foi elaborado pelo Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) com base em informações obtidas a partir da tabulação e análise dos microdados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) 2015. Ao todo, 23.141 estudantes, de 841 escolas espalhadas por todos os estados brasileiros, fizeram o exame. Desses, 12.073 são meninas e 11.068, meninos. Os dados brutos foram disponibilizados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Iede organizou os dados e fez cruzamentos a partir das informações brutas. Foram consolidadas análises regionais, por gênero, por nível de desempenho e por nível socioeconômico. Os resultados obtidos foram apresentados a especialistas que comentaram cada um deles, apresentado diagnósticos da situação atual e propondo caminhos para que o país avance em competência financeira.

## 1. O que é competência financeira

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define competência financeira como: “o conhecimento e o entendimento de conceitos de finanças e riscos e a capacidade, motivação e segurança para aplicar esse conhecimento para tomar decisões em diferentes contextos financeiros, para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade e para permitir a participação na vida econômica”.

A avaliação da competência financeira foi aplicada pela segunda vez em 2015 – antes disso, foi aplicada em 2012. A prova é opcional e tem a duração de uma hora.

A prova de competência financeira serve também para que se tenha um retrato da educação financeira dos países. No Brasil, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em dezembro de 2017, a educação financeira passa a ser obrigatória e deverá ser abordada principalmente em matemática e ciências da natureza para crianças e jovens do ensino fundamental.

## 2. Amostra considerada

No total, 17 países/regiões tiveram médias divulgadas pela OCDE, incluindo o Brasil. Na análise, optou-se por excluir Massachusetts e Carolina do Norte, nos Estados Unidos, por já haver uma nota geral para o país, assim como um agregado de regiões da Espanha. Dessa forma, a base de comparação utilizada pelo Iede tem 15 países/regiões. O Pisa avalia estudantes de 15 e 16 anos a cada três anos.

A amostra brasileira para competência financeira foi de 23.141 alunos, espalhados por todos os estados. Desses, 12.073 são meninas e 11.068, meninos. A maioria (77,7%) estava matriculada no ensino médio, em uma escola da rede estadual (73,8%), localizada em área urbana (95,4%) e no interior (76,7%), de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), responsável pela aplicação do Pisa no Brasil.

## 3. Parâmetros da avaliação

Os estudantes que prestaram o Pisa são classificados em cinco níveis, de acordo com o desempenho obtido. Segundo, com o Volume IV do Pisa<sup>1</sup>, no qual foram divulgados os resultados da avaliação em competência financeira, o estudante é capaz de responder corretamente a maior parte das questões do mesmo nível

---

<sup>1</sup> Disponível online em: <[https://read.oecd-ilibrary.org/education/pisa-2015-results-volume-iv\\_9789264270282-en#page74](https://read.oecd-ilibrary.org/education/pisa-2015-results-volume-iv_9789264270282-en#page74)>

em que foi classificado. Em média, estudantes com desempenho mais próximo do mínimo de cada nível são capazes de responder corretamente a cerca de 50% das questões correspondentes àquele nível. Já aqueles com desempenho mais próximo do máximo, a 70% das questões.

Pelos parâmetros da OCDE, o Nível 2 corresponde ao mínimo suficiente para que o estudante consiga se integrar na sociedade e tomar decisões que o beneficiem financeiramente.

**Tabela 1: Competências por nível de aprendizagem**  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE)

O que os alunos são capazes de fazer, segundo o nível em que estão	
Nível	Descrição
<b>Nível 1 (326 até menos de 400 pontos)</b>	Estudantes conseguem identificar produtos financeiros comuns e interpretar informações relacionadas a conceitos financeiros básicos. Conseguem reconhecer a diferença entre precisar e querer e conseguem tomar decisões simples relativas a gastos diários. Os alunos conseguem reconhecer o propósito de documentos financeiros do cotidiano, como faturas, e aplicar operações numéricas simples e básicas (adição, subtração ou multiplicação) em contextos que provavelmente viveram.
<b>Nível 2 (400 até menos de 475 pontos)</b> <b>MÍNIMO ADEQUADO</b>	Estudantes começam a aplicar o conhecimento de produtos, termos e conceitos de finanças comumente usados. Conseguem, com base em informações dadas, tomar decisões em contextos que são relevantes para eles. São capazes de reconhecer o valor de uma simples despesa e conseguem interpretar características proeminentes de documentos financeiros do cotidiano. Os estudantes conseguem aplicar operações básicas, incluindo divisão, para responder a questões financeiras. Mostram compreensão da relação entre diferentes elementos financeiros, como a quantidade de uso e os gastos decorrentes.
<b>Nível 3 (475 até menos de 550 pontos)</b>	Estudantes são capazes de aplicar o conhecimento de conceitos financeiros, termos e produtos, a situações que são relevantes para eles. Começam a considerar as consequências de decisões financeiras e conseguem fazer planos financeiros simples em contextos familiares. Conseguem fazer interpretações diretas de diversos documentos financeiros e conseguem aplicar uma variedade de operações numéricas básicas, incluindo cálculo de porcentagem. Eles conseguem escolher a operação numérica que precisam para resolver problemas rotineiros em contextos financeiros relativamente comuns, como cálculos de despesas.

**Nível 4 (550 até menos de 625 pontos)**

Os estudantes são capazes de aplicar a compreensão de conceitos e termos financeiros menos comuns em contextos que serão relevantes para eles quando forem adultos, como manejo de contas bancárias e interesse em economizar. Eles são capazes de interpretar e avaliar uma gama de documentos financeiros detalhados, como declarações bancárias, e explicar funções de produtos financeiros menos comuns. Eles são capazes de tomar decisões financeiras levando em consideração consequências de longo prazo, como a compreensão dos custos decorrentes do pagamento de um empréstimo em um período mais longo. Os estudantes também conseguem resolver problemas rotineiros em contextos financeiros menos comuns.

**Nível 5 (625 pontos ou mais)**

Estudantes conseguem aplicar o conhecimento de uma grande gama de termos financeiros e conceitos a contextos que podem apenas tornar-se relevantes no longo prazo. São capazes de analisar produtos financeiros complexos e conseguem levar em consideração características de documentos financeiros que são importantes, mas não de uma maneira óbvia e imediata, como custos de transações financeiras. Eles podem trabalhar com um nível de precisão alto e resolver problemas financeiros não rotineiros. Os alunos nesse nível conseguem descrever potenciais resultados de decisões financeiras, como a cobrança e pagamento de imposto de renda, mostrando uma ampla compreensão de cenário.

#### 4. Cenário observado

O Brasil ocupou o último lugar de desempenho em competência financeira. A nota geral do país foi 393,5, ou seja, abaixo dos 400 considerados o mínimo suficiente pela OCDE. Dos 23.141 estudantes brasileiros avaliados, 12.691 ficaram abaixo desse nível.

**Tabela 2.** Média da proficiência dos estudantes por país avaliado  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

Média da proficiência dos alunos de 15 países/regiões avaliados pelo Pisa em competência financeira*		
País	Média	Intervalo de confiança da média da proficiência dos alunos*
OCDE	489	—
Canadá	533,2	531.4704 e 534.9915
Austrália**	504	—
Estados Unidos	487,5	484.8285 e 490.1044

Holanda	509,3	506.2246 e 512.2894
Bélgica	540,8	538.0535 e 543.505
Espanha	468,6	466.4015 e 470.8708
B-S-J-G (China)	566,0	563.7864 e 568.2937
Polônia	485,4	482.6202 e 488.1081
Itália	483,5	481.8882 e 485.1074
Rússia	512,1	510.1187 e 514.0995
Lituânia	448,6	446.321 e 450.8769
Eslováquia	445,2	442.543 e 447.843
Chile	432,3	429.9778 e 434.5266
Peru	402,7	400.4302 e 405.0665
Brasil	393,5	392.1494 e 394.7629

\*Nível de confiança de 95%.

\*\*Os dados da Austrália não estão disponíveis no documento com os microdados do Pisa 2015 analisado pelo lede. O desempenho foi obtido a partir do relatório divulgado pela OCDE, por isso o país não possui os dados de intervalo de confiança.

Considerando os níveis de desempenho, a maior quantidade de estudantes brasileiros, 6.742, está no Nível 1, ou seja, obtiveram mais que 326 e menos que 400 pontos na avaliação. Outros 5.949 estão abaixo do Nível 1, ou seja, não são, no geral, capazes sequer de reconhecer a diferença entre precisar e querer, nem de tomar decisões simples relativas a gastos diários, competências dominadas por estudantes que estão pelo menos no nível 1.

**Tabela 3.** Distribuição de estudantes brasileiros por nível de aprendizagem  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

Total de alunos avaliados no Brasil em competência financeira e média da proficiência do país*	
Total de alunos avaliados: 23.141	
Nível	Quantidade de estudantes
Abaixo do Nível 1	5.949
Nível 1	6.742
Nível 2	5.720
Nível 3	3.271
Nível 4	1.234
Nível 5	225

\*Nível de confiança de 95%

## 5. Resultados obtidos pelo lede

### 5.1. Resultados por região

Os dados mostram diferenças regionais de desempenho dos estudantes. O Sul foi a região mais bem avaliada, com uma média de 412,2 pontos, seguida pela região Centro-Oeste, com 406 pontos. Ambas as regiões ficaram, em média, acima dos 400 pontos, nível considerado o mínimo adequado. A região Sudeste ficou com uma média de 394,3 pontos; Norte com 387,3 pontos; e, Nordeste, 380,8 pontos.

Mesmo estando localizados nas regiões com os piores desempenhos, Amazonas e Ceará se destacaram, obtendo, respectivamente, 405,5 e 402,5 pontos. Ficaram acima da média do Brasil, que foi de 393,5 pontos.

**Tabela 4.** Desempenho dos estudantes brasileiros por estado  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

Nota média em competência financeira por estado*		
UF	Nota média	Intervalo de confiança da média da proficiência dos alunos*
AC	396,0	390.2528 e 401.8029
AL	349,5	342.495 e 356.4679
AM	405,5	399.5004 e 411.5372
AP	371,8	365.4713 e 378.1715
BA	377,2	371.2427 e 383.1243
CE	402,5	396.3809 e 408.6294
DF	421,3	415.0428 e 427.5157
ES	426,8	420.7315 e 432.9232
GO	412,2	405.0909 e 419.3059
MA	371,9	365.0103 e 378.8164
MG	423,0	416.7867 e 429.1154
MS	393,6	387.1454 e 399.9835
MT	386,0	380.0716 e 391.8567
PA	385,5	378.0216 e 392.9848
PB	370,1	363.4878 e 376.7789
PE	392,6	386.4235 e 398.8646
PI	375,6	368.509 e 382.6664
PR	411,5	403.4438 e 419.6354
RJ	403,8	396.8652 e 410.7997
RN	372,1	365.9532 e 378.1876



RO	378,4	372.3451 e 384.5073
RR	389,8	383.9246 e 395.6425
RS	411,4	404.8328 e 417.9173
SC	414,4	408.1856 e 420.6357
SE	365,8	358.8958 e 372.7067
SP	375,1	370.4178 e 379.8679
TO	362,3	356.7564 e 367.7891

\*Nível de confiança de 95%

**Tabela 5.** Desempenho dos estudantes brasileiros por região  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

Média da proficiência dos alunos por região em competência financeira*		
Região	Média	Intervalo de confiança da média da proficiência dos alunos*
Centro-Oeste	406,0	402.624 e 409.2915
Nordeste	380,8	378.6449 e 383.0469
Norte	387,3	384.7891 e 389.8349
Sudeste	394,3	391.2187 e 397.2931
Sul	412,2	408.2825 e 416.1468

\*Nível de confiança de 95%

Nenhum estado ou região brasileira ficou acima da média da OCDE, que foi 489 pontos em educação financeira. O estado com melhor desempenho foi o Espírito Santo com uma média de 426,8 pontos. Caso fosse um país, o estado superaria apenas o Peru<sup>2</sup>, que teve uma média de desempenho de 402,7 pontos. Em relação ao

Pelos critérios da OCDE, o intervalo de 30 a 40 pontos no Pisa equivale a um ano de estudos. Dessa forma, em média, os estudantes do Espírito Santo estariam cerca de oito meses à frente dos estudantes peruanos. Comparado, no entanto, à China - mais especificamente à região que compreende Pequim, Xangai, Jiangsu e Guangdong -, que ocupou o primeiro lugar em competência financeira no Pisa, com 566 pontos, o melhor estado brasileiro está cerca de quatro anos atrás.

## 5.2. Resultados por gênero

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em dezembro de 2017, a educação financeira passou a ser disciplina transversal no

<sup>2</sup> Ver Tabela 2

e os professores terão que ministrá-la. A competência deverá ser abordada principalmente em matemática e ciências da natureza no ensino fundamental.

Embora sejam competências próximas, o Pisa evidencia diferenças o desempenho dos estudantes em matemática e em competência financeira quando levado em consideração o gênero dos estudantes.

Enquanto os meninos têm um desempenho melhor em matemática, as meninas se saem melhor em competência financeira. Em matemática, os meninos tiveram uma média de 385 pontos enquanto as meninas tiveram uma média de 369,5 pontos. Quando se trata, no entanto, de competência financeira, elas tiveram uma média de 397,5 pontos, enquanto eles, de 389,2 pontos.

**Tabela 6.** Desempenho dos estudantes brasileiros por gênero, por competência  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

Desempenho dos estudantes avaliados no Pisa em cada competência, por gênero*			
Disciplina	Média da proficiência das meninas	Média da proficiência dos meninos	
Competência Financeira	397,5	389,2	
Leitura	418,6	395,5	
Ciências	398,7	402,8	
Matemática	369,5	385	

\*Nível de confiança de 95%

Para especialistas, a diferença de desempenho tem mais relação com questões culturais e de criação: “O Brasil ainda tem uma cultura familiar machista em que as meninas participam mais do dia a dia das casas. Os meninos não são tão convidados a repartir as tarefas”, considera Elvira Cruvinel, chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco Central. “Muitos dos programas de governos, seja de crédito ou de transferência de renda focam nas mulheres”. Um dos exemplos citados por Elvira é o Bolsa Família, programa que, em 2015, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Social, tinha 93% das titulares do gênero feminino.

Claudia Forte, superintendente da Associação de Educação Financeira (AEF) do Brasil, compartilha de opinião semelhante: “As meninas estão mais próximas do núcleo familiar, estão próximas da mãe quando ela escolhe as contas que vai pagar no mês, acompanham no mercado e veem a mãe observando a diferença dos preços”, considera.

Os dados obtidos a partir do questionário do Pisa aplicado aos estudantes mostram que de fato as meninas participam mais da vida financeira em casa.

Enquanto 33,4% delas discutem questões financeiras com os pais ou responsáveis quase todos os dias, entre os meninos, o percentual é de 23,6%. As meninas também se mostraram mais controladas nos gastos: quando não têm dinheiro para comprar algo que querem, 16,8% não compram. Já entre os meninos, o percentual é de 12,9%.

**Tabela 7.** Frequência de discussão de questões financeiras em casa, por gênero  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

<b>"Com que frequência você discute questões financeiras com seus pais ou responsáveis?" (em percentual)</b>				
<b>Gênero</b>	<b>Nunca/ Quase Nunca</b>	<b>Uma ou duas vezes por mês</b>	<b>Uma ou duas vezes por semana</b>	<b>Quase todos os dias</b>
Meninas	21,4%	21,3%	23,9%	33,4%
Meninos	28,2%	25,6%	22,6%	23,6%

### 5.3. Resultados por nível socioeconômico

No presente estudo, o lede considerou três indicadores que ajudam a traçar o perfil dos alunos que fizeram a avaliação. O indicador do status econômico, social e cultural (escs), de bens culturais em casa (cultpos) e de posses em casa (homepos). Nos três casos, o zero equivale às médias da OCDE. Quanto mais distante de zero for o índice, mais distante da média dos demais países da organização, podendo variar positiva ou negativamente.

Em todos os índices, o Brasil fica abaixo da média da OCDE. No índice de nível socioeconômico, que considera a posse de bens, a escolaridade e a ocupação dos pais, a média do Brasil é -0,96. Em homepos, que considera 16 itens, como ter televisão, computador, um dicionário e/ou livros de poesia, a média brasileira é -1,24; e, em cultpos, que considera apenas os itens ligados a cultura, como ter livros de poesia, de literatura clássica e obras de arte em casa, a média nacional é -0,34.

Considerados os níveis de desempenho na avaliação, o perfil dos estudantes difere bastante: no nível abaixo de 1, em que estão 5.949 dos 23.141 estudantes avaliados, estão alunos com menor nível socioeconômico e com as maiores taxas de repetência em todas as etapas de ensino.

**Tabela 8.** Desempenho dos estudantes brasileiros por nível socioeconômico  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

Perfil dos alunos brasileiros por nível			
Nível CF	Perfil		
	socioeconômico	Homepos	Cultpos
Abaixo de 1	-1,26	-1,57	-0,38
1	-1,19	-1,43	-0,43
2	-0,91	-1,16	-0,37
3, 4 ou 5	-0,37	-0,71	-0,18

"A gente vê que muito da atitude dos estudantes vem do exemplo de casa, da história familiar, se a família tem ou não noção de dinheiro, o que o pai e a mãe fazem. Tudo isso é importante. Obviamente que a escola vai ajudar para que a educação seja boa nesse quesito também, mas a história familiar na vida financeira é fundamental", afirma Elvira Cruvinel, chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco Central.

#### 5.4. Expectativa de continuidade dos estudos

Os dados analisados mostram ainda diferenças entre as expectativas dos estudantes. Esse foi outro dado analisado que ajuda a traçar o perfil dos estudantes brasileiros. Entre aqueles com desempenho abaixo do Nível 1, apenas 29,2% têm expectativa de concluir o ensino superior. Já entre aqueles com nível 3, 4 ou 5, essa porcentagem sobe para 81,6%.

**Tabela 9.** Expectativa de continuidade dos estudos dos estudantes brasileiros por nível

(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

"Qual dos seguintes você espera completar?" (em percentual)				
Nível em CF	Ensino fundamental II	Ensino médio ou ensino médio técnico	Cursos técnicos e tecnólogos (depois do ensino médio e antes da graduação)	Graduação ou pós
Abaixo de 1	9,0%	6,1%	55,7%	29,2%
1	3,5%	6,0%	42,4%	48,1%
2	0,8%	5,8%	27,9%	65,5%
3, 4 ou 5	0,2%	3,2%	15,0%	81,6%

## 5.5. Aulas de educação financeira

No Brasil, 36,4% dos estudantes avaliados tiveram curso ou matéria específica na escola para aprender a lidar com o dinheiro e 32,3% tiveram educação financeira de forma interdisciplinar, junto a outras matérias. Os dados mostram ainda que pouco mais da metade, 52,3%, fez algum curso ou atividade para aprender a lidar com o dinheiro fora da escola.

Surpreendentemente, entre aqueles que ficaram no pior nível, abaixo de 1, o número foi ainda mais alto: 50,7% tiveram aulas específicas na escola; 41,7% trabalharam a competência de forma interdisciplinar; e 60,9% buscaram cursos fora da escola.

Nos níveis de desempenho mais altos (3, 4 e 5), 19,8% tiveram aulas específicas na escola; 24,3% tiveram aulas interdisciplinares; e 38,6% estudaram competência financeira fora da escola.

**Tabela 10.** Porcentagem de estudantes brasileiros que tiveram alguma aula de educação financeira por tipo de aula, por nível  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

" Você teve um curso ou matéria específica na escola para aprender a lidar com o seu dinheiro?" (em percentual)		" Você aprendeu a lidar com o dinheiro na escola como parte de outra matéria ou curso? (em percentual)		"Você fez um curso ou participou de atividade para aprender a lidar com o seu dinheiro fora da escola?" (em percentual)			
		Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Nível em CF							
Abaixo de 1	50,70%	49,30%	41,70%	58,30%	60,90%	39,10%	
1	34,60%	65,40%	30,60%	69,40%	50,90%	49,10%	
2	26,70%	73,30%	25,10%	74,90%	51,00%	49,00%	
3, 4 ou 5	19,80%	80,20%	24,30%	75,70%	38,60%	61,40%	
Brasil	36,40%	63,60%	32,30%	67,70%	52,30%	47,70%	

Nota: Respostas dos alunos por nível de proficiência em que estão em competência financeira

Algo que pode explicar esse resultado é uma relação endógena, explica Ernesto Martins Faria, diretor e fundador do lede: "É possível que os cursos aconteçam em maior proporção para os alunos que mais precisam".

Ele dá um exemplo da relação que pode existir: "Alunos com mais baixo nível de proficiência, por exemplo, fazem mais aulas de reforço, mas esse não é indicativo de que reforço escolar não ajuda, mas sim de que o nível de conhecimento que os alunos têm sem o reforço é diferente. Nesse caso, é possível que muitos alunos que não tenham feito cursos de competência financeira tenham vivido mais oportunidades onde desenvolveram essas habilidades, devido às pessoas com quem interagem cotidianamente. Alunos da

rede privada podem viver mais situações fora da escola que favoreçam esse desenvolvimento".

Em outros países, o cenário é bastante variável. Na China – cuja região de Pequim, Xangai, Jiangsu e Guandong ocupou o primeiro lugar na competência - apenas 14,7% dos estudantes tiveram aulas de educação financeira na escola em uma disciplina específica. Outros 21,4%<sup>3</sup> tiveram aulas dentro de outras disciplinas e 33,6% fizeram cursos fora da escola. O cenário também varia nos dois outros países latino-americanos avaliados. No Chile, 26,7% tiveram aulas específicas; 24% trabalharam o assunto na escola de forma transversal; e 50,2% fizeram cursos fora da escola. No Peru, essas porcentagens são respectivamente 50,4%; 43,4%; e, 70,9%.

**Tabela 11.** Porcentagem de estudantes que tiveram matéria específica de educação financeira na escola nos países avaliados  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

" Você teve um curso ou matéria específica na escola para aprender a lidar com o seu dinheiro?" (em percentual)		
Países	Sim	Não
Canadá	36,5%	63,5%
Austrália*	—	—
Estados Unidos	41,3%	58,7%
Holanda	72,0%	28,0%
Bélgica	47,0%	53,0%
Espanha	28,9%	71,1%
B-S-J-G (China)	14,7%	85,3%
Polônia	28,9%	71,1%
Itália	19,2%	80,8%
Rússia	39,1%	60,9%
Lituânia	35,9%	64,1%
Eslováquia	46,0%	54,0%
Chile	26,7%	73,3%
Peru	50,4%	49,6%
Brasil	36,4%	63,6%

Nota: Respostas dos alunos por nível de proficiência em que estão em competência financeira  
\* Os dados da Austrália não estão disponíveis no documento com os microdados do Pisa 2015 analisado pelo lede. O desempenho foi obtido a partir do relatório divulgado pela OCDE, por isso o país não possui os dados de intervalo de confiança.

## 5.6. Relação com o dinheiro

Apesar do baixo desempenho na avaliação, em média, a maior parte dos estudantes brasileiros, quando quer algo, mas não tem dinheiro para comprar, economiza até tê-lo. Em questionário aplicado pelo Pisa, 54,6% escolheram essa opção. Apenas 14,9% disseram que não compram. As outras opções foram

<sup>3</sup> Ver Tabelas Complementares, no final deste estudo

comprar com dinheiro que seria usado para o outro fim (10,5), pedir emprestado a um familiar (13,9%) ou para um amigo (6,1%).

A questão evidencia, no entanto, diferenças conforme o desempenho dos alunos. Enquanto 75% daqueles com melhor desempenho, que são também os estudantes com maior nível socioeconômico<sup>4</sup> disseram que economizam até terem dinheiro para comprar o que querem, 35,7% entre aqueles com menor desempenho, que são também os estudantes com menor nível socioeconômico, escolheram essa opção.

Os estudantes abaixo do Nível 1 também são aqueles que mais compram o que querem com dinheiro que deveria ser usado para outro fim (19,1%). Entre aqueles com maior nível de desempenho, 1% escolheu essa opção.

**Tabela 12.** Porcentagem de estudantes brasileiros por reação diante da situação de não ter dinheiro para comprar algo que querem por nível de desempenho (Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

<b>"Se você não tem dinheiro para comprar algo que você quer, você:" (em percentual)</b>					
<b>Nível em CF/Meninas</b>	<b>Compro com dinheiro que deveria ser usado para outro fim</b>	<b>Peço emprestado para um familiar</b>	<b>Peço emprestado para um amigo</b>	<b>Economizo para comprar</b>	<b>Não compro</b>
Abaixo de 1	19,1%	18,4%	12,3%	35,7%	14,5%
1	10,9%	13,3%	3,8%	56,2%	15,8%
2	2,7%	10,8%	2,7%	69,1%	14,7%
3, 4 ou 5	1,0%	8,9%	0,6%	75,0%	14,5%
<b>Brasil</b>	<b>10,5%</b>	<b>13,9%</b>	<b>6,1%</b>	<b>54,6%</b>	<b>14,9%</b>

Nota: Respostas dos alunos por nível de proficiência em que estão em competência financeira

Para o professor-pesquisador do programa de pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora, Amarildo Melquiades da Silva, como o Brasil ainda não tem educação financeira como competência obrigatória nas escolas, os estudantes acabam tendo como principal referência as próprias famílias. "Basicamente, temos duas situações. Há ambientes em que as famílias têm uma certa estrutura, em que os filhos participam das discussões de orçamento. Essas crianças crescem com outra visão do uso do dinheiro. Temos também ambientes nos quais os pais compram tudo a prestação. Temos a suspeita forte de que crianças que crescem nessas casas, mesmo que tenham dinheiro quando crescerem, tenderão a pagar em prestações. Isso é ruim porque, às vezes, o que se paga em juros é suficiente para pagar à vista. Em uma pesquisa qualitativa constatamos que crianças de 12, 13 anos já falavam em comprar a prazo", diz.

<sup>4</sup> Ver Tabela 8

"Pessoas acham que educação financeira é análise matemática, mas tem uma questão sentimental, que exige outro tipo de análise. Em alguns momentos, entra o fator vontade, não tenho dinheiro, mas quero determinada coisa. Preciso entender o que isso implica e lidar com a situação. A gente trabalha para isso também", acrescenta Silva.

A chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco do Brasil, Elvira Cruvinel, defende que o planejamento dos gastos é necessário e que isso deve ser enfatizado quando se trabalha com educação financeira. "Deve-se usar a abordagem que se trabalha mudança de comportamento, e não só acúmulo de conhecimento. Não adianta ter muito conhecimento de matemática financeira, se na hora de comprar vai pela emoção, não planeja", diz

Ela diz ainda: "As pessoas são convidadas a entrar no mercado de trabalho, empregam grande parte da vida para ganhar dinheiro, mas pouco se dedicam à qualidade dos gastos. Não existe certo ou errado, mas o que é bom no curto, médio e longo prazo. Não é bom gastar agora e no futuro ficar sem. Levar essa discussão para a sala de aula faz com que os estudantes se tornem protagonistas das próprias vidas".

## 6. Análises dos especialistas

O lede conversou com especialistas que trabalham com educação financeira, desde a elaboração de políticas públicas até a implementação nas salas de aula. Algumas das análises foram incluídas em outras sessões ao longo do estudo. No entanto, optamos por concentrar nesta sessão trechos das entrevistas que consideramos relevantes para o debate.

### **Elvira Cruvinel, Chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco Central**

*O Banco Central participou da interlocução com o Ministério da Educação para a inclusão de educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O BC conta também com programas que visam promover a educação financeira no país.*

"A gente vê que muito da atitude dos estudantes vem do exemplo de casa, da história familiar, se a família tem ou não noção de dinheiro, o que o pai e a mãe fazem, tudo isso é importante. Obviamente que a escola vai ajudar para que a educação seja boa nesse quesito também, mas a história familiar na vida financeira é fundamental. Há uma gama de instituições que está trabalhando para levar mais educação financeira para a escola. É um caminho desafiador. Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular do ensino infantil e fundamental, a educação financeira passa a ser disciplina transversal. Os professores terão que ministrá-la".

"Deve-se usar a abordagem que se trabalha mudança de comportamento, e não só acúmulo de conhecimento. Não adianta ter muito conhecimento de matemática financeira, se na hora de comprar vai pela emoção, não planeja. O



que buscamos hoje, o que o Brasil está tentando fazer como estratégia de educação financeira é mudança de comportamento das crianças para que tenham a verdadeira dimensão do dinheiro para a vida e para que o dinheiro seja um facilitador e não um fim em si mesmo. As pessoas são convidadas a entrar no mercado de trabalho, empregam grande parte da vida para ganhar dinheiro, mas pouco se dedicam à qualidade dos gastos. Não existe certo ou errado, mas o que é bom no curto, médio e longo prazo. Não é bom gastar agora e no futuro ficar sem. Levar essa discussão para a sala de aula faz com que os estudantes se tornem protagonistas das próprias vidas".

"No mundo adulto, as mulheres têm compromissos financeiros com a família maiores que os dos homens. A mulher tem primeiro a preocupação com a família, com os filhos e depois com o seu bem-estar. Muitos programas de governos, seja de crédito ou de transferência de renda, como o Bolsa Família focam nas mulheres. O Brasil tem uma cultura familiar machista em que as meninas participam mais do dia a dia das casas. Os meninos não são convidados a repartir as tarefas".

### **Claudia Forte, superintendente da AEF-Brasil - Associação de Educação Financeira do Brasil**

*A AEF é uma OSCIP criada para executar a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, uma política pública lançada em 2010 com a finalidade de disseminar a educação financeira junto à população.*

"Ocupamos o último lugar em competência financeira porque temos uma desigualdade no âmbito interno, como país. O letramento mínimo exigido pelo Pisa não é atingido no Ideb [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica] em muitos estados do Brasil. Temos um distanciamento muito grande das questões lógico matemáticas e da questão de leitura e interpretação de texto, ambas extremamente importantes para que haja um funcionamento de educação financeira. Nas questões de educação financeira estão contidas interpretações de texto para as tomadas de decisão. Se não tem boa interpretação, tende a não decidir de forma lúcida".

"Estudantes com maior nível econômico têm melhor resultado da educação financeira. É uma relação que se perpetua, é um cenário muito elitista. A escola privada acaba privilegiando assuntos muito distantes da escola pública: temas transversais, por meio de oficinas, projetos específicos. A escola pública não conta com estrutura e nem professores para fazer isso".

"Mulheres adultas estão em todos os programas de microcrédito, assistencialistas ou não. Elas têm melhor capacidade distributiva de recursos. São elas, as responsáveis pela manutenção do nível educacional da família. São elas que têm, no longo prazo, que poupar para pagar escola particular para os filhos, para comprar a casa própria, para ter dinheiro para pagar um advogado para se divorciar do marido que bate nela. Isso se revela desde pequena, com as meninas. O primeiro brinquedo que ganham é uma boneca, aprendem a cuidar do outro quase instintivamente. As meninas estão mais próximas do núcleo familiar, estão próximas da mãe quando ela escolhe as contas que vai

pagar no mês, acompanham no mercado e veem a mãe observando a diferença dos preços".

**Amarildo Melchiades da Silva, professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)**

*Investiga a produção de significados para a matemática na Educação Superior e Educação Básica e atualmente está envolvido em pesquisas ligadas a Educação Financeira na Educação Básica.*

"A vida inteira muitas pessoas acostumaram a não viver dentro dos salários que ganham. Gastar menos é o básico de educação financeira e isso não acontece. Dou um curso de educação financeira para formar professores da educação básica e não é raro dizerem que o salário que ganham só dá para 15 dias. Tem professores que mesmo apertados compram um celular novo para o filho e estouram o orçamento familiar com algo que não é tão urgente. É muito difícil. E se os professores às vezes não têm esses hábitos, como passar para os alunos?"

"Como ainda não temos educação financeira como algo obrigatório nas escolas, temos muita influência dos pais. Basicamente, temos duas situações. Há ambientes em que as famílias têm uma certa estrutura, em que os filhos participam das discussões de orçamento. Essas crianças crescem com outra visão do uso do dinheiro. Temos também ambientes nos quais os pais compram tudo a prestação. Temos a suspeita forte de que crianças que crescem nessas casas, mesmo que tenham dinheiro quando crescerem, tenderão a pagar em prestações. Isso é ruim porque, às vezes, o que se paga em juros é suficiente para pagar à vista. Em uma pesquisa qualitativa constatamos que crianças de 12, 13 anos já falavam em comprar à prazo".

"O que observo na prática é que mulheres estão mais predispostas a discutir determinados assuntos, enquanto homens às vezes não se dedicam porque acham que é coisa de mulher. Por exemplo, trabalhamos com um exercício que é saber o que é essencial no seu guarda-roupa e alguns homens acham que isso não é algo que têm que pensar, embora tanto homens quanto mulheres relatam que têm roupas com etiqueta ainda nos armários".

"Pessoas acham que educação financeira é análise matemática, mas tem uma questão sentimental, que exige outro tipo de análise. Em alguns momentos, entra o fator vontade, não tenho dinheiro, mas quero determinada coisa. Preciso entender o que isso implica e lidar com a situação. A gente trabalha para isso também. Às vezes mulheres lidam melhor com esses tipos de escolhas que demandam habilidades socioemocionais".

**Mariá de Nazaré Conceição Sena, professora de artes e sociologia na Escola Estadual Profª Adelaide Tavares de Macedo, situada no bairro Alvorada, na Zona Centro-Oeste de Manaus**

*Coordenadora do projeto "Educação Financeira na Escola: Planejando a Vida", realizado com estudantes do 1º ano do ensino médio, no âmbito do Programa Ciência na Escola (PCE) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).*

"O objetivo é que os estudantes aprendam a se planejar. O projeto visa também levar esse aprendizado para as famílias. Aprendem a controlar as contas, a como diminuir gastos, a como guardar para investir em uma formação futura. Começo perguntando o que entendem por educação financeira. Envolve dinheiro, envolve sim, mas tem coisas que precisam ser feitas que não envolvem muito dinheiro, você pode planejar para juntar um pouco e fazer o que precisa. Com o projeto, os alunos começaram a guardar o dinheiro do lanche, que era servido gratuitamente na escola, e discutimos o que fazer no final do período com o que conseguiram juntar. No ano passado trabalhei com bolsistas que recebiam R\$ 120. Para algumas delas, essa era a renda da família, porque a família toda estava desempregada".

"As meninas se interessam mais sim, elas lidam mais com a questão doméstica. Os meninos não são muito incentivados a participar da organização da casa, a fazer compras. Quem faz isso são as meninas e mães. Em por isso se interessam mais".

## Tabelas Complementares

**Tabela 13.** Porcentagem de estudantes que tiveram educação financeira como competência transdisciplinar nos países avaliados  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

<b>" Você aprendeu a lidar com o dinheiro na escola como parte de outra matéria ou curso? (em percentual)</b>		
<b>Países</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Canadá	48,3%	51,7%
Austrália*	—	—
Estados Unidos	45,8%	54,2%
Holanda	39,2%	60,8%
Bélgica	41,6%	58,4%
Espanha	27,6%	72,4%
B-S-J-G (China)	21,4%	78,6%
Polônia	26,2%	73,8%
Itália	26,9%	73,1%
Rússia	43,2%	56,8%
Lituânia	35,6%	64,4%
Eslováquia	37,2%	62,8%
Chile	24,0%	76,0%
Peru	43,4%	56,6%
Brasil	32,3%	67,7%

Nota: Respostas dos alunos por nível de proficiência em que estão em competência financeira  
\* Os dados da Austrália não estão disponíveis no documento com os microdados do Pisa 2015 analisado pelo lede. O desempenho foi obtido a partir do relatório divulgado pela OCDE, por isso o país não possui os dados de intervalo de confiança.

**Tabela 14.** Porcentagem de estudantes que fizeram cursos de educação financeira fora da escola nos países avaliados  
(Fonte: Pisa 2015, OCDE/ Tabulado por lede)

<b>"Você fez um curso ou participou de atividade para aprender a lidar com o seu dinheiro fora da escola?" (em percentual)</b>		
<b>Países</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Canadá	47,3%	52,7%
Austrália*	—	—

Estados Unidos	52,3%	47,7%
Holanda	33,5%	66,5%
Bélgica	32,8%	67,2%
Espanha	31,7%	68,3%
B-S-J-G (China)	33,6%	66,4%
Polônia	20,6%	79,4%
Itália	39,2%	60,8%
Rússia	48,2%	51,8%
Lituânia	65,9%	34,1%
Eslováquia	61,0%	39,0%
Chile	50,2%	49,8%
Peru	70,9%	29,1%
Brasil	52,3%	47,7%

Nota: Respostas dos alunos por nível de proficiência em que estão em competência financeira  
 \* Os dados da Austrália não estão disponíveis no documento com os microdados do Pisa 2015 analisado pelo lede. O desempenho foi obtido a partir do relatório divulgado pela OCDE, por isso o país não possui os dados de intervalo de confiança.